

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**DISCURSO DA POLÍTICA DE DIREITA NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO SOB A VISÃO ARENDTIANA**

Mariana Tenório de Almeida

Recife - PE

2018

Mariana Tenório de Almeida

**DISCURSO DA POLÍTICA DE DIREITA NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO SOB A VISÃO ARENDTIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Damas da Instrução Cristã como requisito básico para a conclusão do Curso de Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Letícia Querette

Recife – PE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

A447d Almeida, Mariana Tenório de.
Discurso da política de direita no Brasil contemporâneo sob a
visão arendtiana / Mariana Tenório de Almeida. – Recife, 2018.
45 f. : il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Letícia Loreto Querette.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Arendt. 3. Discurso. 4. Direita. 5.
Crise política. 6. Tempos sombrios. I. Querette, Letícia Loreto. II.
Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.) FADIC (2019-187)

Mariana Tenório de Almeida

**DISCURSO DA POLÍTICA DE DIREITA NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO SOB A VISÃO ARENDTIANA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de
Damas da Instrução Cristã como requisito básico para a conclusão
do Curso de Relações Internacionais.**

Professora: Letícia Querette

Professora: Artemis Holmes

Professor: Luís Emmanuel

Recife – PE

2018

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Aos meus professores e mestres que muito me inspiram e me fazem ter esperança de dias melhores, em especial ao Professor Pedro Gustavo Soares, que esteve presente em todo período dramático de trabalho de conclusão de curso, e por ter muitas vezes acreditado o suficiente também por mim.

Aos meus amigos; aos que estão distantes geograficamente, e àqueles que se encontram perto, em especial Andreza Rocha, que acreditou, impulsionou, deu força, comemorou e ouviu todos os lamentos do processo.

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.” Hannah Arendt, 1972.

DISCURSO DA POLÍTICA DE DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO SOB A VISÃO ARENDTIANA

Mariana Tenório de Almeida

RESUMO

A ascensão de discursos conservadores tem sido motivo de alerta no mundo contemporâneo; é um fenômeno perigoso que chama atenção de todo o planeta, porque junto a eles podem emergir grandes consequências. Mais importante do que estas para esse trabalho, é garantir o entendimento do que causa essa ascensão. Sob os estudos de Hannah Arendt, principal instrumento aqui, pretende-se entender a ascensão de discursos de extrema-direita como consequência de crises político-econômicas e sua maior aceitação entre a população, analisando como a crise política no Brasil teve participação nesse fenômeno, tendo início a partir do segundo mandato da presidente Dilma (2014), teoria essa baseada em sua análise sobre um semelhante cenário do século passado na Europa, e verificar de que forma ela se enquadra na atual situação brasileira, que tem vivido um momento semelhante, percebido pela eleição do deputado Jair Bolsonaro e seus discursos excludentes e rígidos para a Presidência da República.

Palavras chaves: Arendt. Discurso. Direita. Crise política. Tempos sombrios.

ABSTRACT

The rise of conservative speeches has been an alert to the contemporary world; it is a dangerous phenomenon that draws attention to the whole planet, for in addition to this there might emerge huge consequences. More important than this for this paper is to ensure the understanding of its rise. Under Hannah Arendt's studies, the head instrument here, this study aims to know the rise of these far-right speeches as political-economic crises consequences and its most acceptance among the population, analyzing how the political crises in Brazil had some participation in this phenomenon, since President Dilma's second term (2014), being this theory based on Hannah's study about a similar scenario in last century in Europe, and confirm how it fits in the current brazilian situation, that has been living a same moment, noticed by the election of Jair Bolsonaro and his excluding and stern talk for Presidency of the Republic.

Keywords: *Arendt. Speech. Right. Political crises. Dark times.*

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. Os discursos da política de direita através dos tempos.....	12
2.1 O que levou à ascensão do Totalitarismo na Europa no século XX?.....	12
2.2 A definição de Estado Totalitário <i>versus</i> Autoritarismo	17
2.3 Os discursos direitistas no Brasil no século XXI.....	19
3. Fascismo, Nazismo e Totalitarismo: definições a partir das teorias de Arendt e seus críticos.....	21
3.1 Histórico de Hannah Arendt e sua influência para suas teorias.....	21
3.2 Fascismo, banalidade do mal, política e totalitarismo: um recorte filosófico no tempo...23	
3.3 Do totalitarismo, violência e poder, segundo Arendt.....	25
3.4 Críticas às teorias arendtianas.....	28
4. Será a volta dos tempos sombrios de Hannah Arendt?.....	30
4.1 O cenário político brasileiro e a crise econômica.....	30
4.1.1 Aumento da onda conservadora no Brasil.....	33
4.2 A ascensão de políticas totalitárias segundo Hannah Arendt.....	36
5. Considerações Finais.....	42
6. Referências bibliográficas.....	44

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta analisar os motivos pelos quais os discursos de extrema direita voltaram a ser as pautas mais comentadas do mundo atual e como isso está relacionado com a ascensão de discursos autoritários e extremistas no atual momento de crise brasileira. Primeiramente é interessante esclarecer de que forma será utilizado o termo “direita” neste trabalho, e assim é válido revisar de como surgiu esse termo político e como ele é definido atualmente.

As ideologias “direita” e “esquerda” das políticas utilizadas por uma sociedade, tem início desde a Revolução Francesa, no século XVIII, numa época em que nobreza e burguesia não aceitavam a ideia de sentarem juntas num congresso, visto que a burguesia tinha o interesse de diminuir os poderes da nobreza e do clero, com a finalidade de aumentar a participação da população mais desfavorecida naquela época nas decisões sociais. Por isso, na Assembleia Nacional Constituinte montada para elaborar a nova Constituição, a parte da sociedade mais rica sentou-se do lado direito e a parte da sociedade mais pobre sentou-se do lado esquerdo da assembleia. Dentro dessa visão, ser de esquerda está relacionado com a luta dos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre, a promoção do bem-estar coletivo e da participação popular dos movimentos sociais e minorias. Já a direita representaria uma visão mais conservadora, ligada a um tradicionalismo, com o interesse em manter o poder da elite e promover o bem-estar individual.

Para o filósofo Norberto Bobbio,

Esquerda e direita não indicam apenas ideologias [...] indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade (BOBBIO. 1995. p.51).

Atualmente, ambas as ideologias sofreram variações ao longo do tempo, dificultando uma definição exata, e com isso, dificultando também a separação dos discursos utilizados na atualidade. Os partidos de direita abrangem conservadores, democratas-cristãos, liberais e nacionalistas, e ainda o nazismo e fascismo na chamada extrema direita. Na esquerda, temos os socialdemocratas, progressistas, socialistas democráticos e ambientalistas. Na extrema-

esquerda temos movimentos simultaneamente igualitários e autoritários. E ainda existe a ideologia de centro-direita e centro-esquerda, que não chega a ser relevante para o tema proposto.

Para facilitar o entendimento, e as pesquisas elaboradas sobre a política atual brasileira, e o momento histórico da extrema-direita no século XX, é interessante considerar a direita como conservadora e focada no interesse individual, como Bobbio esclarece em sua concepção. Com isso, procura-se desenvolver de forma descritiva e explicativa como momentos de crise estão relacionados ao aumento e à aceitação de discursos extremistas, como no caso do cenário político brasileiro vigente. Procura-se fazer uma inferência histórica aos discursos extremistas que ascenderam em condições semelhantes, *e.g.*: crises econômicas, falta de confiança da população no governo corrente e insatisfação social - em países como Alemanha e Itália, casos de estudo de Hannah Arendt.

Esse estudo monográfico tem como objetivo principal, entender por que crises político-econômicas abrem espaço para a ascensão de discursos de extrema-direita e, por conseguinte, objetivos mais específicos que vão analisar como a crise política no Brasil teve participação nessa ascensão, a partir do segundo mandato da presidente Dilma, em 2014; estudar as conclusões de Hannah Arendt sobre o assunto; e relacionar o estudo de Arendt com o atual momento político brasileiro, em que discursos conservadores têm alcançado o apoio da maioria da população, visto o resultado da última eleição que, democraticamente, levou ao poder Jair Bolsonaro, um candidato de discurso tradicional e contrário a avanços sociais já alcançados.

Hannah Arendt é uma das mais importantes filósofas que estudou o fenômeno do domínio total nas comunidades europeias, mais precisamente nos caracteres que compõem as dimensões das diferenciações dos valores da condição humana em cada sociedade. A relevância desse estudo foca na análise da filósofa sobre poder, política e totalitarismo, a fim de contribuir com o entendimento sobre esse acontecimento. Para ela:

o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que

alguém está ‘no poder’, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome (ARENDDT, 2001).

É trazido nessa definição que o poder é um fenômeno conseqüente da ação coletiva, que surge com a formação de um grupo, que se relaciona com a teoria de que o poder está ligado a um momento de fundação, concluindo que quando alguém está no poder é porque tem a autorização do grupo para falar em seu nome. Já

A política, assim aprendemos, é algo como uma necessidade imperiosa para a vida humana e, na verdade, tanto para a vida do indivíduo como da sociedade. Como o homem não é autárquico, porém depende de outros em sua existência, precisa haver um provimento da vida relativo a todos, sem o qual não seria possível justamente o convívio. Tarefa e objetivo da política é a garantia da vida no sentido mais amplo. Ela possibilita ao indivíduo buscar seus objetivos, em paz e tranquilidade, ou seja, sem ser molestado pela política — sendo antes de mais nada indiferente em quais esferas da vida se situam esses objetivos garantidos pela política, quer se trate, no sentido da Antiguidade, de possibilitar a poucos a ocupação com a filosofia, quer se trate, no sentido moderno, de assegurar a muitos a vida, o ganha-pão e um mínimo de felicidade. (ARENDDT, 1998)

Segundo Arendt, “para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade.” (ARENDDT, 1998)

Este trabalho propõe mostrar os motivos pelos quais os discursos de extrema direita voltaram a ser as pautas mais comentadas do mundo atual e como isso está relacionado com a ascensão de discursos autoritários e extremistas no atual momento de crise brasileira. A relevância do estudo da obra de Hannah Arendt consiste em apresentar uma compreensão acerca dos elementos das políticas de direita, visto que a autora é uma das mais importantes filósofas que estudou o fenômeno do domínio total nas comunidades europeias, mais precisamente nos caracteres que compõem as dimensões das diferenciações dos valores da condição humana em cada sociedade e a correlação com a extrema direita do século XXI.

2. Os Discursos Da Política De Direita

2.1 O que levou à ascensão do Totalitarismo na Europa do século XX?

Para entender o estabelecimento da política totalitária alemã é necessário realizar um panorama da Alemanha pré-totalitária e assim visualizar como foi a ascensão nazista ao poder com uma proposta redentora, que prometia findar os problemas financeiro, moral e histórico ocasionados pela perda da primeira guerra, o consequente endividamento do país e o comprometimento da autoestima nacional alemã.

Entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e o começo da Segunda (1939), a Europa viveu uma das mais graves crises de sua história, cujo maior acontecimento foi o surgimento de uma nova forma de poder político e de organização do Estado, conhecido como totalitarismo, que para Hannah Arendt, é um novo regime político que se estabelece através da utilização da ideologia e do terror.

Segundo H. Arendt, o Totalitarismo é uma forma de domínio radicalmente nova porque não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu. Neste sentido, o fim do Totalitarismo é a transformação da natureza humana, a conversão dos homens em "feixes de recíproca reação", e tal fim é perseguido mediante uma combinação, especificamente totalitária, de ideologia e de terror. A ideologia totalitária pretende explicar com certeza absoluta e de maneira total o curso da história.
(BOBBIO, 1991. P. 1248)

Através desse conceito Arendt sinaliza características apresentadas e requeridas pela sociedade quando sob a instalação dessa nova forma de governo.

Mais que a demolição de estados, a guerra dá origem a: minorias sem estados; opressão de povos sobre outros; libertação de etnias e reorganização de Estados Nacionais. A Primeira Grande Guerra explodiu a comunidade Europeia de nações para além de qualquer forma de reparar os países atingidos por ela. A inflação destruiu toda uma classe de pequenos proprietários, além da esperança de recuperação ou da esperança de uma nova vida, fatos

que ainda nenhuma crise monetária jamais tinha feito de forma tão radical anteriormente¹.

Quando em um Estado o desemprego alcança níveis elevados, suas consequências não se restringem mais somente aos trabalhadores, como também, nações além das fronteiras. As guerras civis que se seguiram e se espalharam pelos vinte anos de paz inquieta foram não apenas sangrentas e mais cruéis que suas predecessoras; elas foram seguidas por migração de grupos que não eram bem-vindos em lugar algum e não podiam ser assimilados onde quer que fossem. A fachada do sistema político europeu foi sacudida deixando exposto o sofrimento de inumeráveis grupos humanos, que de repente não tinham mais direitos.

A sanidade parecia ter evaporado e cessada a guerra, acalmado o conflito, as consequências políticas do ódio social destilado não se detinham mais. Era um quadro de desintegração social mais visível nos países derrotados do que nos vitoriosos. A queda do império austro-húngaro e da monarquia czarista deu lugar a uma Alemanha humilhada e a uma Rússia esfacelada. O rompimento do sistema de coerção legal que antecedeu a guerra coloca Tchecos contra Eslovacos, Croatas contra Sérvios, Ucrânicos contra Poloneses. Por sua vez, as perseguições contra as minorias em seu próprio território se tornam um lugar comum. Minorias húngaras sendo perseguidas na Eslováquia, minoria alemã perseguida no território Tcheco, na Ucrânia e no Tirol italiano. A emergência das minorias no novo desenho político europeu obrigou os governos a negociarem os Tratados das Minorias (ARENDDT, 1958).

A Primeira Grande Guerra gerou inúmeros grupos minoritários expatriados, os quais não possuíam direitos bem estabelecidos e conseqüentemente eram perseguidos tanto pela população local quanto pelo governo, pois a grande maioria das fronteiras da Europa foi modificada, assim como o mapa geral europeu demonstrado a seguir.

¹ ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. P. 268.

Figura 1



Fonte: National Geographic Magazine Map of the Races of Europe. 1919.

O que se pode perceber no mapa acima são as fronteiras estabelecidas pós-Primeira Guerra Mundial, e em cores, as etnias das populações que foram separadas por essas novas fronteiras, e ainda, muitas delas acabaram por perder por completo seu território que foi tomado por outro país vencedor da Guerra. Essa modificação ocasionou na

formação de países com diversos grupos minoritários diferentes, e com eles a crescente xenofobia que aumentava significativamente em conjunto com o desemprego e a insatisfação da população com o governo atuante.

É interessante notar que o cenário na Alemanha do século XX era de extrema dificuldade, com recorrentes aumentos inflacionários após a criação da República de Weimar, pois o país não tinha condições de sanar as indenizações com os outros países, o que levava a população às ruas exigindo melhores condições econômicas e de vida.

A economia alemã só voltou a se estabilizar após 1924 graças a investimentos de capitais norte-americanos, entretanto, a população continuou insatisfeita com os termos dos tratados de Paz que puseram fim à Primeira Guerra Mundial. Além de todos os pontos acima mencionados, a dificuldade financeira que o país passava, foi uma mola propulsora para a formação de grupos ultranacionalistas que pretendiam instaurar um governo forte, capaz de unificar os alemães e lutar pela recuperação da grandeza nacional, a favor dos interesses nacionais particulares da população como um todo. Dentre esses grupos, estava o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), formado em 1919, que virá a ter Hitler como seu principal líder.

O partido em que Hitler atuava se organizava através também de grupos paramilitares, conhecida também por SA – grupos de assalto, que eram extremamente violentos e atacavam diretamente comunistas e socialistas. O futuro chanceler do país, Hitler, já havia tentado subir ao poder através de um golpe, sobre o qual não obteve sucesso, sendo levado à prisão onde escreveu o livro *Mein Kampf*, em que dentre outras coisas, falava na criação de um espaço vital e sistematizava a ideologia nazista, afirmando a superioridade ariana - considerada pura pelos nazistas e dos quais descenderiam os alemães. Para ele, os judeus seriam, juntamente com os comunistas, causadores de quase todos os males do mundo.

Sabe-se, atualmente, que a situação de crise mundial pós-guerra era extrema, principalmente com o advento da Crise de 1929 nos Estados Unidos, que afetou a maior parte do mundo ocidental e agravou ainda mais a necessidade da população europeia de um governo que desse segurança e esperança de uma vida melhor e uma melhora na

economia. E através desse cenário, o partido nazista alemão começa a se tornar uma oportunidade real de mudança para os alemães. Então, após a Quebra da Bolsa de Nova York, nos Estados Unidos em 1929, o partido totalitário alemão ganha força na Alemanha, e conseqüentemente espaço e visibilidade na política por causa do rompimento do auxílio financeiro que vinha daquele país como consequência ainda da Primeira Guerra.

Hitler, diante do cenário político alemão da época, recebe o convite do então presidente da Alemanha na época, o marechal Paul von Hindenburg (que só o fez por conta de coligações), para ocupar o cargo de Primeiro-Ministro no país. Com a morte de Hindenburg em agosto de 1933, Hitler o substitui no cargo de presidente e assume o título de *Führer* (chefe), dando início ao Terceiro Reich Alemão².

Tem-se início o Estado "autoritário", expressão que começava a ser utilizada para designar todas as ditaduras monopartidárias que estavam em ascensão na Europa, abrangendo tanto as fascistas – iniciadas na Itália de Mussolini – quanto as comunistas – como da Revolução Russa. (BOBBIO, p. 1257). E para entender como o estado totalitário funciona, BOBBIO (2004) explica através de alguns principais filósofos dessa época,

Carlton H. Hayes descreveu algumas características originais do Governo totalitário e especialmente a monopolização de todos os poderes no seio da sociedade, a necessidade de gerar uma sustentação de massa, o recurso às modernas técnicas de propaganda. Sigmund Neumann colocou em destaque o movimento permanente que se desprende dos regimes totalitários e que atinge, numa mutação incessante, os próprios procedimentos e instituições políticos. Todavia, não obstante tais antecedentes, o uso da palavra Totalitarismo para designar, com uma conotação fortemente derogatória, todas ou algumas ditaduras monopartidárias fascistas ou comunistas se generalizou somente após a Segunda Guerra Mundial. Durante o mesmo período foram formuladas as teorias mais completas do Totalitarismo, a de Hannah Arendt (*The origins of totalitarianism, 1951*) e a de Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski (*Totalitarian dictatorship and autocracy, 1956*). (apud. BOBBIO, 2004, p. 1257).

Quando Hitler chegou ao poder, em 1933, a Alemanha passava por um momento de instabilidade política e econômica: a derrota na Primeira Guerra Mundial ainda era muito

² O Primeiro Reich foi o Sacro Império Romano-Germânico; e o Segundo, o da unificação alemã conquistada por Bismarck em 1870.

recente e acabou por refletir, obviamente, em vários outros índices sociais, como desemprego, inflação e fragilidade do sistema político. A ascensão de um líder capaz de resgatar o sentimento de orgulho alemão e ser capaz de vingar os países responsáveis pelas humilhações sofridas na primeira Grande Guerra teve alta aceitação entre as massas, e além do mais, era necessário também possuir um inimigo em comum, para que assim a população se unisse contra um mal comum, e assim aos judeus foi atribuído esse papel.

As aspirações nazistas requeriam um grande esforço da sociedade para que pudesse funcionar de forma efetiva no Estado como a Alemanha, e por isso criou-se uma verdadeira indústria da morte, comandada por homens como Adolf Eichmann, que foi capturado em Buenos Aires em 1960. A filósofa política, Hannah Arendt conta a história do julgamento de Eichmann no livro “*Eichmann em Jerusalém*” (Hannah Arendt), não o descrevendo como um “maníaco assassino”, mas como um burocrata a serviço do partido que tinha obrigação de obedecer a ordens. Tal pensamento gerou muitas críticas à filósofa, que até então era mundialmente conhecida por expor suas opiniões contrárias ao regime nazista alemão justamente por ter sido diretamente afetada, visto que sua família era judia, e por isso Arendt teve que sair do país para se refugiar, assunto a ser abordado no capítulo seguinte quando a conheceremos mais a fundo.

2.2 A definição de Estado totalitário versus autoritarismo

O totalitarismo consiste precisamente na identificação total de cada indivíduo com todo o corpo político organizado e mais ainda com a própria organização desse corpo. Isso pode naturalmente acontecer nos dois sentidos implícitos do dualismo autoridade-súdito. Pode-se dizer que é a absoluta politização da vida individual, ocasionando na perda da autonomia individual em prol da hegemonia absoluta sobre qualquer aspecto da vida humana. Já o Autoritarismo, como ideologia do Estado, irá se distinguir de forma clara do totalitarismo fascista, já que ele apenas impõe a obediência incondicional e circunscrita da pessoa que obedece ao Estado e não a dedicação total e entusiástica do membro da nação ou da raça eleita (BOBBIO, 2004. P. 96). E ainda, de acordo com Maurras *apud* BOBBIO,

O Autoritarismo não é o totalitarismo fascista; e quando para ele conflui ou dele se torna um simples componente, perde sua natureza mais íntima. Na ideologia fascista, o princípio hierárquico já não é instrumento de ordem mas instrumento de mobilização total da nação para desenvolver uma luta sem limite contra as outras nações. (BOBBIO, 2004. P. 96).

Neste sentido, depois da Segunda Guerra Mundial e das consequências que dela derivaram, a ideologia autoritária se encontra frente a um mundo pós-guerra muito estranho para poder lançar raízes profundas. Não faltam regimes autoritários de tipo conservador atualmente mas ainda pode-se dizer difícil encontrar sua justificação numa ideologia autoritária explícita e decisiva como nos governos do século XX, e são exatamente essas questões que serão levantadas nesse trabalho, a fim de entender os motivos que estão levando as sociedades a escolherem governos mais “fortes”, como mencionado anteriormente. Será que é possível comparar ambas as sociedades, tanto europeia como brasileira? O contexto histórico se mostra semelhante àquele do período entre guerras e pós-guerra?

Juan Linz (apud BOBBIO, 2004) afirma que os atuais regimes autoritários, incluindo os conservadores, são caracterizados não pela ideologia, mas por simples "mentalidade", que diz respeito à carência de mobilização política intensa ou extensa, exercendo o poder dentro de limites formalmente mal definidos mas bastante previsíveis, cujos líderes não necessitam de qualidades carismáticas mas combinam elementos de autoridade carismática, legal e tradicional. Para Linz, nos regimes autoritários, "mentalidade" de "ideologia" possuem diferentes definições. Ele diz que

se queremos analisar o regime autoritário em suas diversas formas devemos examinar os estilos de liderança e os diferentes modos de conceber a relação entre o poder do Estado e a sociedade. As “ideologias” contêm um forte elemento utópico; as “mentalidades” estão mais próximas do presente ou do passado. Os sistemas totalitários têm ideologias, enquanto os regimes autoritários se baseiam em mentalidades peculiares, difíceis, portanto, de definir (Linz, 1964).

As ideologias autoritárias de hoje têm um modesto nível de elaboração. Isto, por sua vez, depende do fato crucial da perspectiva da conservação de uma ordem hierárquica estabelecida definitivamente e essencialmente ligada ao passado feudal, que foi inexoravelmente marginalizado num mundo em que a industrialização dominava e domina, pelo urbanismo e pela ideia de progresso e de mudança contínua da sociedade, iniciada com a Revolução Industrial cuja influência é vista até os dias atuais. (BOBBIO,

2004. P. 97-98).

É importante entender essas definições explicitadas acima para darmos continuidade ao pensamento sobre o aumento do conservadorismo, que pode levar a governos totalitários/autoritários. O cenário extremamente propício para isso é aquele em que as sociedades estão sujeitas às crises e insatisfeitas com o sistema político vigente.

2.3 Os discursos direitistas no Brasil no século XXI

A partir da discussão sobre a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, como explicar que a nação de Johann Wolfgang Goethe, Ludwig van Beethoven e Albert Einstein também tenha se tornado o país onde se realizou uma das maiores atrocidades da história? Para alguns especialistas, o fenômeno nazista na Alemanha vai além da ideia de um aparente surto psicótico coletivo. “Um líder carismático como Hitler, que promete felicidade a qualquer preço, passa a ser uma figura sedutora para uma massa desacreditada que vive o desemprego, a fome e a escassez de alimentos”, afirma Ana Maria Dietrich, professora do programa de pós-graduação da Universidade Federal do ABC. Entende-se então, que tempos de crise são solo fértil para projetos autoritários serem enaltecidos nas sociedades. Por isso é importante traçar o cenário que se estabeleceu no Brasil para se chegar no entendimento de como os discursos extremistas se espalharam e estão sendo bem aceitos e vistos como uma solução para a sociedade brasileira dos últimos anos.

Do fim dos anos 90 até o início de 2012 houve um aumento significativo no preço das *commodities* no mercado internacional, devido também à crescente demanda chinesa, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Com isso, o Brasil viveu um tempo de euforia econômica, com uma balança comercial extremamente favorável que gerou a expansão do crédito e o consequente aumento de pessoas empregadas no país. Programas sociais foram expandidos e o salário mínimo aumentou, enquanto no ano de 2008, nos Estados Unidos, ocorria a crise do calote generalizado, que atingiu grande parte do mundo ocidental, inclusive o Brasil, que não estava imune à crise. A concessão de crédito e todo o crescimento brasileiro, foi artificial para que evitasse a chegada da crise mundial, que tardou, mas chegou.

A crise econômica que se instaurou em meados de 2014 já é considerada uma das piores crises que o país enfrentou, e tudo isso pode ser entendido através de estudos elaborados pela Associação Keynesiana Brasileira (AKB). Após deflagrada a crise, foi descoberto também um grande esquema de corrupção em Brasília, capital do país, envolvendo grandes empresários, servidores públicos e identidades importantes da política. Esse esquema desviou bilhões dos cofres da empresa estatal Petrobrás e contribuiu, de forma significativa, para a paralisação do país mostrando à sociedade a fragilidade do sistema político vigente ali, e conseqüentemente a falta de confiança no governo, segundo o consultor de mercados emergentes Robert Abad.

Essa operação elaborada pela Polícia Federal no Brasil, foi denominada de Lava Jato, e teve um impacto negativo direto no PIB brasileiro, assim como ocasionou a falta de confiança de governos estrangeiros agravando ainda mais a crise no país. Dentro de todo esse cenário de desconfiança e crise política, o Brasil começa a se mostrar interessado na escolha de líderes mais fortes, mesmo que isso prejudique diretamente o Estado Democrático de Direito do indivíduo inaugurado pela Constituição de 1988, como mostra uma pesquisa do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, uma empresa de pesquisa de mercado da América Latina) sobre o grau conservador no país em 2018. Tem-se a ideia de que a adoção da linha dura do governo venha a ser a solução para a melhora da economia e o melhor relacionamento do empresariado brasileiro no cenário internacional.

Além de toda essa insegurança política, a insegurança pessoal também cresceu vertiginosamente devido à falta de emprego e o aumento da pobreza no país, gerando maior violência e caos, e com eles, a indignação da população. Por isso, propostas salvacionistas dão o tom do tempo social, enquanto se valorizam líderes pretensamente capazes de restaurar a ordem social e retirar o país da crise e da insegurança, mesmo que isso custe a democracia. Esse assunto será abordado mais a fundo no terceiro capítulo desse trabalho monográfico a fim de trazer um comparativo entre a ascensão dos governos extremos na Europa do século XX e a volta desses discursos nos países, mais precisamente no Brasil.

3. Fascismo, Nazismo e Totalitarismo: definições a partir das teorias de Arendt e seus críticos.

3.1 Histórico de Hannah Arendt e sua influência para suas teorias

Em 1906 nascia na Alemanha, especificamente em Hannover, uma das maiores filósofas contemporâneas. Com o nome de Johanna Arendt, a filha do engenheiro Paul Arendt junto com Martha Cohn, teve como berço uma família judia de Königsberg, na Prússia³, para onde foi aos três anos de idade. Em 1913 perdeu seu pai, a partir de então sendo criada de maneira liberal por sua mãe, passando a ter maior contato com o judaísmo reformista⁴ por conta de seus avós. Se autodefiniu como judia, inclusive foi atuante do movimento sionista⁵, apesar de não pertencer a nenhuma comunidade religiosa.

Aos 17 anos, obrigada a abandonar a escola devido à algumas questões disciplinares, Arendt decidiu estudar teologia cristã em Berlim. Em 1924 ingressou na Universidade de Marburg, onde, no primeiro ano, assistiu às aulas de filosofia de Martin Heidegger e de Nicolai Hartmann, além das de teologia protestante de Rudolf Bultmann. Hannah apesar da pouca idade, já havia aprendido filosofia clássica sozinha, lendo a *Crítica da razão pura* de Kant, e a partir daí começa a se interessar por tudo o que tem relação com o mundo das ideias. Adler irá caracterizá-la como uma intelectual angustiada, que tem necessidade de “compreender a totalidade da vida natural e espiritual”.

Dois anos mais tarde, Hannah trocou a faculdade em Marburg por Albert Ludwig (em Freiburg) e estudou sob a orientação de Edmund Husserl (matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia). Por fim, em 1928, fez-se doutora em filosofia com a tese *O Conceito de amor em Santo Agostinho* na Universidade de Heidelberg. Paralelo a esses acontecimentos, a grave crise do capitalismo chega à Alemanha e piora sua situação devido à quebra da Bolsa de Nova Iorque. Por pressão da

³ Cidade atual russa de Kaliningrado.

⁴ Movimento surgido na Alemanha dentro do judaísmo que defende a introdução de novos conceitos e ideias nas práticas judaicas, com o fim de adaptá-las ao momento atual.

⁵ O sionismo, ou nacionalismo judaico, é um movimento político e que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico independente e soberano no território onde historicamente existiu o antigo Reino de Israel.

alta burguesia, o presidente convida Adolf Hitler para o cargo de chanceler, já que a única “solução” visível para a crise era o partido Nazista, como já mencionado anteriormente.

Com a ascensão do Nazismo, a filósofa, junto com sua família foi perseguida, devido à privação de direitos e perseguição de pessoas de origem judaica ocorrida na Alemanha a partir de 1933. Neste ano foi encarcerada, devido à sua origem judaica e ser culpada de estar envolvida intensamente com o movimento sionista que a levaria a colidir com o antissemitismo do Terceiro Reich.

Quando Hannah Arendt finalmente conseguiu sair da Alemanha, e chegou a Paris⁶, no qual trabalhou por seis anos com crianças judias e expatriadas, tornando-se amiga do crítico literário e filósofo Walter Benjamin. Mas quando a França finalmente foi ocupada pelos alemães, Arendt foi presa novamente, juntamente com seu então marido Heinrich Blücher. E finalmente em 1941 emigrou para os Estados Unidos, onde conseguiria se desenvolver ainda mais com teorias sobre a nova ordem política mundial que estava se instaurando.

Esse novo regime totalitário alemão retirou a pátria de vários judeus, e com isso Hannah se tornou apátrida, conseguindo se tornar americana somente no ano de 1951. Trabalhou nos Estados Unidos em diversas editoras e organizações judaicas, como por exemplo, o *Weekly Aufbau*. Também se tornou professora no Brooklyn College.

Hannah Arendt explica que desde 1941, a política antisemita do regime nazista tinha mudado de natureza. Antes os perseguiam, porém agora consistia em capturá-los e matá-los, realizando um assassinato em massa. Aparentemente, os americanos não tinham noção do tamanho da atrocidade que acontecia na Alemanha e suas intenções reais, pois as organizações judaicas nos Estados Unidos não defenderam de fato nenhum lado. Mas Hannah, mesmo vivendo no país não se deixará abater, e estudará os governos totalitários a fundo, quando em 1951 publica o livro *As Origens do Totalitarismo* fazendo um estudo mais aprofundado do nazismo.

⁶ Neste ano foram 37 mil refugiados judeus na França.

Cada um desses elementos esconde para Hannah “um verdadeiro problema não resolvido. Por trás do antissemitismo, a questão judaica; por trás do declínio Estado-Nação, o problema não resolvido da nova organização dos povos; por trás do racismo, o problema não resolvido de um novo conceito de humanidade...” (ARENDDT, apud ADLER. P 262. 2014).

Essa obra tem a finalidade entender como povos puderam aderir à ideia de genocídio, como o pacto social foi quebrado, e como a ideia de Sociedade das Nações caiu em ruínas.

3.2 Fascismo, banalidade do mal, política e totalitarismo: um recorte filosófico

É muito comum a dificuldade em se definir de fato o que é o fascismo, mas neste trabalho será agora abordado para que seja possível entender e, no próximo capítulo, relativizar com o fenômeno contemporâneo da política brasileira.

Para Bobbio, tem-se três significados principais para o termo:

O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como "Fascismo histórico", de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. (BOBBIO, P. 466. 1995).

Na última definição sobre fascismo alemão e italiano, o termo assumiu contornos tão indefinidos que sua utilização para definições científicas se tornou difícil. Por isso, vem-se acentuando cada vez mais a tendência de restringir seu uso apenas ao Fascismo histórico, cuja história se desenrola na Europa entre os anos 1919 e 1945 e que está essencial e especificamente representado no Fascismo italiano e no nacional-socialismo alemão.

De modo geral, o fascismo é entendido como um sistema autoritário de dominação que tem algumas características como: a monopolização da representação política por parte

de um partido único de massa, ser hierarquicamente organizado; supervalorizar a pessoa encarregada, na exaltação da nacionalidade, dentre outras características, por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (BOBBIO, 1995).

Hannah Arendt irá estudar a fundo o evento do fascismo que estava ocorrendo na Europa, no século XX, e uma das obras que nos chama atenção para a análise desse acontecimento histórico é *Eichmann em Jerusalém* reelaborando noções filosóficas antigas por meio da expressão banalidade do mal. Eichmann foi um dos protagonistas do governo hitlerista, coronel da SS responsável pelos campos de concentração nazistas e pela morte de milhares de pessoas. Quando o regime nazista terminou, fugiu da Alemanha e foi encontrado em Buenos Aires, na Argentina, de onde foi levado coercitivamente a Israel para julgamento (para que satisfizesse a vontade de fazer justiça) e consultado por vários psiquiatras que tinham interesse em entender como um ser humano seria capaz de agir de forma a prejudicar milhares de vidas. Mas a conclusão dos médicos foi um tanto surpreendente,

Todos os psiquiatras que o examinaram haviam atestado sua normalidade e um deles disse que era mais normal do que se sentira após entrevistá-lo. Em vez do ser tonitruante ou ardiloso, o estereótipo do mal que certamente muitos imaginaram, ali estava um homem burocrático, medíocre, incapaz de dizer algo que não fosse o mais trivial lugar comum e no qual se podia até ver certas virtudes pessoais, segundo um dos psiquiatras, como o de ser atencioso e dedicado à família e às relações próximas. (SOTELLO FELIPE, 2018).

A denominação por Arendt sobre a banalização do mal, foi o vazio de pensamento que percebeu na alma de Eichmann. A lacuna que existia entre o dever, a consciência e as consequências desse dever. Para ele, o dever estava acima de tudo, e o que mais lhe preocupava era não conseguir cumprir a tarefa dada com maestria, mostrando dessa forma, o tamanho da banalidade de seus atos, na sua concepção. E a partir dessa falta de pensamento, a filósofa chegou à conclusão de que o mal não tinha raízes, porque para isso, é necessário que se tenha opiniões formadas e algo em que acreditar. Esse mal era como um fungo, que havia se espalhado, mas não era profundo, era o vazio da consciência

moral do indivíduo inserido em uma sociedade cujos sujeitos eram partes da engrenagem que completavam o mecanismo total. O que ela assinalou, no entanto, foi que naquele caso, como na maioria das vezes, o mal havia sido praticado por uma pessoa comum, que acreditava estar cumprindo sua função social, executando ordens, agindo de acordo com aquilo que lhe parecia justo, razoável, mas não deixando de ser sistêmico, coletivo e impessoal.

A partir desse pensamento, a autora foi extremamente criticada pela sociedade filosófica da época que criticava o regime e principalmente os judeus. Que esperavam uma reação mais imperativa. Porém é importante salientar que essa conclusão foi de extrema importância para tentar entender como uma nação se submeteu a tais atrocidades. Para o filósofo Theodor Adorno, todo ser humano é um fascista em potencial, pois qualquer pessoa está sujeita a perder a capacidade de empatia pelo outro. Fato esse demonstrado em várias crueldades que já aconteceram no mundo até então.

3.3 Do totalitarismo, violência e poder, segundo Arendt

Na Itália, começou-se a falar de Estado Totalitário no século XX, e logo após tem-se o governo de Hitler que definiu, segundo Arendt, por completo esse totalitarismo. Para ela, um dos objetivos desse Estado de dominação total, é “matar a pessoa jurídica do homem”, a medida em que destrói as capacidades políticas do indivíduo e os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas da sociedade, isolando-os em sua própria capacidade de interação, aniquilando a “singularidade da pessoa humana”, transformando-o em um indivíduo criado para obedecer as leis impostas pela sociedade, como diz Roger Berkovitz em *Why Arendt Matters: Revisiting “The Origins of Totalitarianism”*.

Ao contrário dos regimes autoritários do passado, o totalitarismo do século XX tem aspirações logicamente mais exigentes - pôr em prática um “sistema no qual os homens são supérfluos”. O totalitarismo começa e termina com a percepção de que “o poder total só pode ser alcançado e salvaguardado em um mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o menor traço de espontaneidade. O objetivo não é simplesmente governar os homens, mas governá-los de dentro para fora. Em suma, o totalitarismo visa a “dominação total” da população humana.” (BERKOVITZ, 2017).

E para que haja essa dominação total, o terror é o meio utilizado para que o governo totalitário seja eficaz. Os nazistas usaram o terror para criar uma visão social darwinista da sobrevivência do mais forte. “O terror destrói os espaços entre os homens e os comprime em uma massa singular de seres ideologicamente unificados, buscando furiosamente a efetivação de uma lei histórica ou racial cientificamente garantida”.

Em um sistema de terror, os campos de concentração e extermínio não são simplesmente ocorrências acidentais, mas os resultados lógicos de um sistema que insiste na extinção da liberdade humana e da espontaneidade humana. Uma e outra vez, Arendt insiste que os campos de concentração eram inúteis de uma perspectiva utilitária. Os nazistas e bolcheviques poderiam ter matado prisioneiros e indesejáveis mais facilmente em campos ou aldeias. Os acampamentos eram economicamente caros e um desperdício de mão de obra. O que os campos forneceram foi treinamento e experimentação em que terror absoluto e terror indefinido poderia realizar - a negação da realidade e a quebra do espírito humano. (BERKOVITZ, 2017).

E para a autora e filósofa, as massas humanas fechadas nesses campos de concentração, são tratadas como se não existissem mais, respaldado na banalização do mal, em que a importância com o próximo já não é de suma relevância para o corpo social.

Levando em consideração que um dos maiores trunfos do governo de Hitler, por exemplo, era a utilização exagerada de discursos e o uso elaborado da mídia, o poder de convencimento dele não estava relacionado aos fatos apresentados, se eram verdadeiros ou falsos, e sim somente a consistência do sistema do qual eles são presumivelmente parte, e a utilização da violência seria, portanto, uma consequência desse governo.

Para Arendt, governos que se mostram mais radicais acabam por utilizar a violência como um meio de dominação legítima, mas não nega que governos “sigam políticas e empreguem seu poder para alcançar objetivos prescritos”. O argumento que ela utiliza é que “a própria estrutura de poder precede e supera todas as metas, de sorte que o poder, longe de ser o meio para um fim, é de fato a própria condição que capacita um grupo de pessoas a pensar e agir em termos das categorias de meios e fins”.

Hannah Arendt não o afirma, mas poderíamos perfeitamente deduzir de seus argumentos que apenas um poder legítimo pode vir a justificar a violência que emprega, pois, para que possa

exerce-la com eficácia, é preciso que o próprio poder não se tenha distanciado em demasia das fontes de sua legitimidade, isto é, da opinião do povo que o apoia, ativa ou passivamente. Que um governo poderoso possa exercer com eficácia os meios da violência que se encontram ao seu alcance e controle, isto se dá na medida do grau de consentimento que ele consegue angariar em toda a sociedade. Isto, é claro, a não ser que estejamos diante da dominação totalitária; mas com o desatrelamento absoluto da violência em relação a ele, com a autonomização da violência, esta sim, verdadeiramente demoníaca. (ARENDDT, apud LAFER, 2001).

De fato, para a autora, a confiança no poder está diretamente relacionada a escolhas radicais da população referentes ao governo. Se mostram mais atrativas novas opções de poder que defendem discursos radicais a fim de elaborar novas estratégias para angariar novamente a confiança populacional e punir os responsáveis pela desconfiança passada.

A violência é um recurso enormemente tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, em razão de sua proximidade e rapidez, o que, apesar de ir contra a essência do ódio e da violência, não os torna irracionais. Mas de qualquer forma, Arendt irá contra as definições de poder e violência definida por outros autores e filósofos da época. O que ela irá afirmar, será exatamente o contrário, no sentido de que a violência só será utilizada quando o poder já não conseguir fazer seu papel.

O "poder" corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em comum acordo. Este jamais é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está "no poder" estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo - de onde se originara o poder - desaparece, desaparece também "o seu poder" (ARENDDT, p. 24).

Nesse sentido, o totalitarismo é da perspectiva arendtiana, uma "criação" exclusivamente humana. Isto é, um corpo político que foi criado por homens e que de alguma forma, respondeu às necessidades humanas da época⁷. Seria um novo tipo de formação política que não tem precedentes e que difere dos outros tipos de tiranias políticas.

⁷ Arendt, 1989, p.526

3.4 Críticas às teorias arendtianas

Arendt deu o pontapé inicial para as teorias elaboradas a respeito dos regimes que estavam em ascensão na Europa, principalmente suas características, visando caracterizá-los e entender de que forma esses regimes conseguiram ter tanto êxito. Como foi demonstrado no tópico anterior, a autora foi a precursora da utilização de diversos termos, que logo se tornaram ícones e definições utilizadas por diferentes autores.

Porém, apesar de ter sido uma filósofa política bastante influente até os dias atuais, Arendt também foi vítima de diversas críticas a respeito de suas obras. Golo Mann, historiador, escritor e filósofo alemão, fez duras críticas à Arendt após ela publicar *As Origens do Totalitarismo*, afirmando que

As duas primeiras partes da obra tratam da pré-história do Estado total. Mas aqui o leitor não encontrará aquilo que está acostumado a encontrar em trabalhos semelhantes, isto é, pesquisas sobre as peculiaridades históricas da Alemanha ou da Itália ou da Rússia [...] pelo contrário, Hannah Arendt dedica dois terços de seu esforço ao antissemitismo e ao imperialismo e, sobretudo, ao imperialismo de matriz inglesa. Não consigo segui-la [...] somente na terceira parte, em vista da qual todo o resto foi escrito, Hannah Arendt parece abordar realmente o tema. (GOLO, 1951, *apud* LOSURDO).

Para Mann, a obra citada de Hannah, entra em uma contradição, a partir do momento em que há uma comparação de acontecimentos históricos que na realidade não possuem vínculos comparativos. O historiador se questiona “como se harmoniza a última parte do livro de Arendt que tem por foco exclusivo a URSS stalinista e o Terceiro Reich, com as duas primeiras, que desenvolvem um requisitório contra a França (pelo antissemitismo) e, em particular, contra a Inglaterra (pelo imperialismo)?”. Ou seja, obtendo conotações de fatos históricos distintos, e portanto, se tornando diferenciados, não havendo de fato como comparar os dois acontecimentos.

Losurdo, outro crítico da autora, também irá ser enfático neste ponto, a partir da análise,

O fato é que o livro de Arendt resulta, na realidade, de dois níveis distintos que remetem a dois períodos de composições diversas

e separadas uma da outra pelo corte temporal do desencadeamento da guerra fria (LOSURDO, 2002).

E então chega ao questionamento sobre de que forma as categorias de totalitarismo e de imperialismo, tratadas no livro⁸ podem entrelaçar-se coerentemente, e qual seria a relação para ambas juntamente com o antissemitismo. Mas infelizmente, ao que parece, a filósofa deixa a desejar em relação a esses questionamentos, dando a impressão de uma “harmonização artificial entre dois níveis que continuam a ser dificilmente compatíveis entre si”. O filósofo italiano ainda levanta o fato de que o livro se baseia tão somente na URSS e no Terceiro Reich. Além de tudo isso, é interessante notar que as definições de Totalitarismo não foram bem desenvolvidas, sendo consideradas pela autora totalitários diversos países que, na concepção de Losurdo, não deveriam ter entrado nessa definição, devido às características do governo vigente, como China e Índia.

Chega-se assim, por fim, à crítica relacionada à transformação de uma pesquisa empírica generalizada para uma dedução lógica de caráter geral, que não abrange as características das situações históricas vigentes, dificultando a classificação de acontecimentos políticos contemporâneos dentro do termo totalitarismo, criado por Arendt.

Com isso, pode-se entender que as obras de Hannah mostram um recorte de sua realidade, que podem ser utilizadas nos termos dos governos até os dias atuais, porém também é importante lembrar, que suas filosofias são tendenciosas à medida que só demonstram um lado a ser estudado, e no caso de seus livros citados, mostram o lado da minoria atingida por determinados governos, não possuem uma correlação lógica de acordo com os acontecimentos históricos e também, por ter uma visão eurocêntrica, não consegue abranger por completo os problemas de outros governos dentro de suas definições de governos totalitários e extrema-direita.

4. Será a volta dos tempos sombrios indicados por Hannah Arendt?

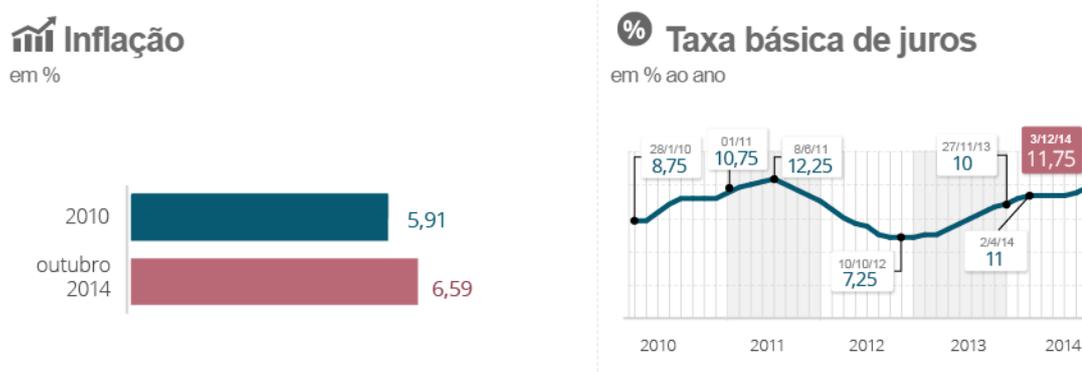
⁸ As Origens do Totalitarismo de Hannah Arendt.

4.1.1 A nova onda conservadora no cenário contemporâneo político brasileiro: o cenário político brasileiro desde 2011

Antes de adentrar no assunto da crescente extrema-direita na política brasileira, é preciso entender o cenário político brasileiro desde 2011 até os dias atuais. Este período foi marcado por: grave crise econômica, com a maior queda do PIB⁹ brasileiro desde 1930-1931¹⁰, perda de posições no *ranking* mundial de competitividade, caindo do 38º lugar para o 54º entre as sessenta economias analisadas pelo *International Institute for Management Development* (IMD)¹¹, teve como consequência uma das maiores quedas na balança comercial brasileira dos últimos 10 anos¹². Foi marcado pela eclosão dos esquemas de corrupção extremamente elaborados e pelas crises políticas internas que acabaram por causar o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Através de estudos elaborados pela revista eletrônica G1¹³, é possível analisar alguns dados da situação do Brasil no período entre 2011-2014.

Figura 2



Fonte: <http://g1.globo.com/politica/posse-de-dilma/segundo-mandato/numeros-do-primeiro-governo.html>

⁹ Produto Interno Bruto.

¹⁰ PIB per capita caiu mais desde 2014 do que em toda a 'década perdida'. O GLOBO. Consultado em 24 de novembro de 2018.

¹¹ O estudo avalia as condições oferecidas pelos países para que as empresas que neles atuam tenham sucesso nacional e internacionalmente, promovendo crescimento e melhorias nas condições de vida da sua população. Na análise, os critérios avaliados são: desempenho econômico, infraestrutura e eficiência dos seus governos e empresas.

¹² «Balança comercial registra em 2012 pior desempenho em 10 anos». G1. 2 de janeiro de 2013. Consultado em 24 de novembro de 2018.

¹³ www.G1.com.br

Percebe-se que a inflação, durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff¹⁴, obteve um crescimento de 0,68%, o que gera uma reação em cadeia no aumento generalizado dos preços dos produtos brasileiros, assim como o aumento do salário mínimo, gerando um maior gasto do empregador, que acaba por aumentar consequentemente o preço do produto final, além do aumento de impostos em produtos gerais. Essa reação em cadeia atinge também o mercado internacional, dificultando transações comerciais em diversos outros setores.

Outro fator importante para ser ressaltado foi o aumento expressivo de bens de consumo essencial, como por exemplo, o aumento da conta de energia elétrica (como mostra a figura 3), que causou extrema insatisfação. Insatisfação não do aumento percentual da energia elétrica, como também das passagens de transporte público, que acabaram por gerar diversas passeatas e protestos em resposta a essas medidas.

Figura 3



Fonte: <http://g1.globo.com/politica/posse-de-dilma/segundo-mandato/numeros-do-primeiro-governo.html>

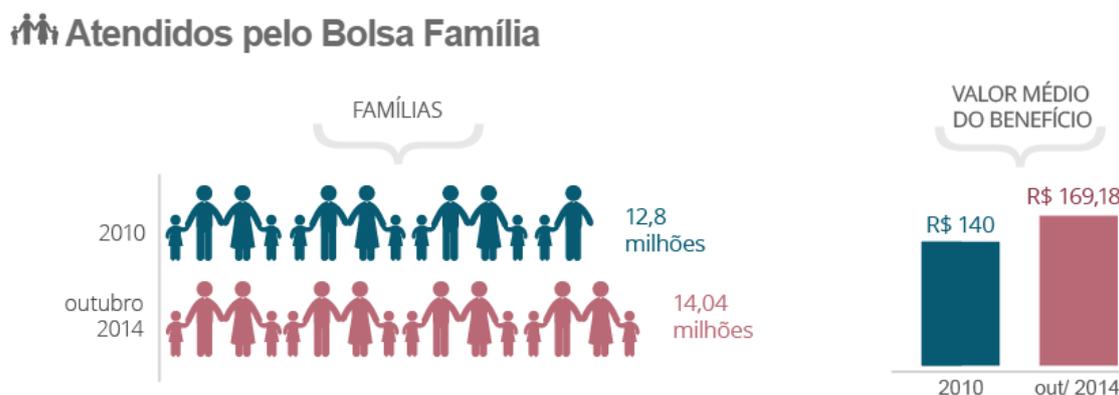
Interessante notar também, que neste mesmo período, houve o aumento de benefícios financiados pelo governo, de acordo com a figura 4. Tem-se, por exemplo, o aumento de quase R\$2 milhões de reais no benefício do Bolsa Família. Deste modo, melhorando o coeficiente de Gini¹⁵, que “na época, a ONU destacou o efeito sobre a desigualdade do

¹⁴ 2011-2014

¹⁵ Coeficiente que mede a desigualdade social de renda de um país.

aumento real do salário mínimo¹⁶ e dos esforços para a formalização do mercado de trabalho brasileiro, além dos programas de transferência de renda, como o Bolsa Família”.

Figura 4



Fonte: <http://g1.globo.com/politica/posse-de-dilma/segundo-mandato/numeros-do-primeiro-governo.html>

Além disso, os dados referentes à dívida externa desses mesmos anos, foram crescentes, como relata Alexandre Cabral do jornal Estadão.

Primeiro governo Dilma (2011-2014). Em dezembro de 2010, a dívida era de R\$ 1,70 trilhão e, no fim do primeiro mandato, valia R\$ 2,30 trilhões. Isso dá uma variação de R\$ 601,86 bilhões, com percentual de 0,64% ao mês.

No segundo governo Dilma (2015 até março de 2016): Em dezembro de 2014, a dívida era de R\$ 2,30 trilhões e atualmente vale R\$ 2,89 trilhões, gerando um aumento de R\$ 590,80 bilhões ou crescimento médio mensal de 1,54%.

Todos esses fatores demonstrados contribuem para a descrença da sociedade no sistema político vigente e no corpo político brasileiro em geral e para a existência de uma crise institucional gravíssima. Fatos esses que, de acordo com o segundo capítulo deste trabalho, assemelham-se ao cenário fascista alemão no século XX, antes da vitória de Hitler ao poder. Sociedades que enfrentam tamanha incredulidade frente ao governo, caracterizando uma crise partidária política, em que o povo não se sente representado por

¹⁶ de 80% entre 2003 e 2010.

nenhum partido político no poder, e começam a cultivar o ódio tendem a pender para discursos mais radicais como uma forma de resposta e punição para os culpados.

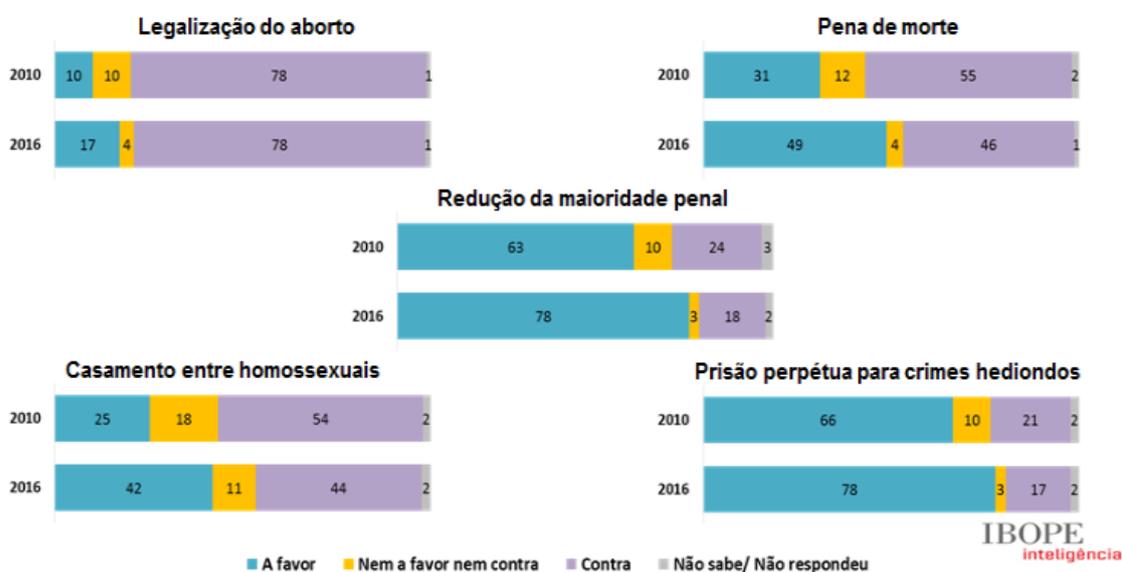
4.1.2 O aumento da onda conservadora no Brasil

Como foi explicitado, os fatores da descrença generalizada na política brasileira abrem caminhos para discursos mais radicais, que já estavam se mostrando presentes desde 2014, após a sociedade brasileira escolher o Congresso mais conservador em cinco décadas, atingindo assim, o ápice do conservadorismo dos últimos anos em dezembro de 2016, segundo uma pesquisa divulgada pelo Ibope.

Ainda, de acordo com essa pesquisa, no Brasil:

Figura 5

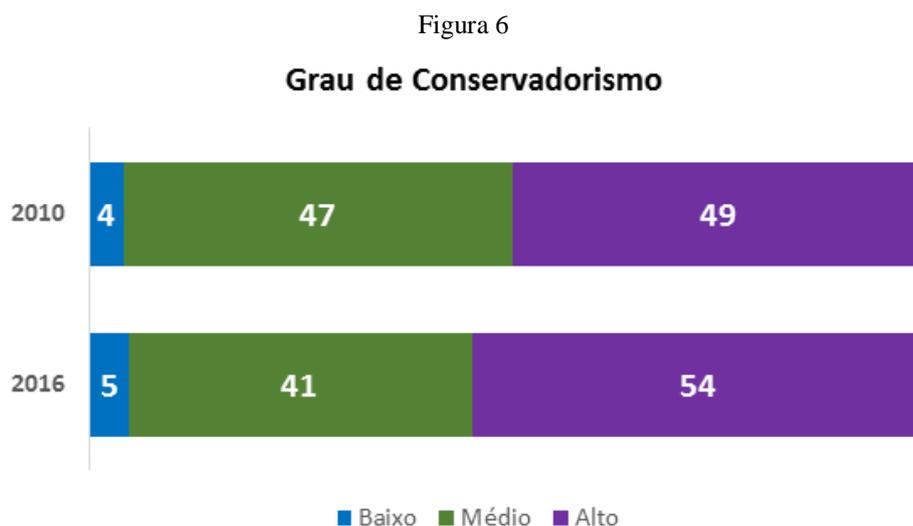
Posicionamento sobre as pautas



Fonte: Ibope 2018

Como mostra a pesquisa, a opinião dos brasileiros em relação ao aborto não mudou de 2010 para 2016, porém é possível observar um aumento em outros aspectos que caracterizam esse aumento conservador na sociedade brasileira, como a redução da maioria penal, que saltou de 63% para 78% no mesmo período, assim como o

favoritismo para a prisão perpétua para crimes hediondos aumentou de 66% para 78% e por fim a pena de morte, que teve um crescimento de 31% para 49%. O aumento do conservadorismo gera o aumento de representantes com discursos mais radicais, por exemplo, que são a favor da pena de morte, da família tradicional e da punição de infratores, por exemplo.



Fonte: Ibope, 2018.

O gráfico acima mostra o aumento do grau de conservadorismo como um todo, em que é possível observar um aumento de 6 pontos percentuais entre 2010 e 2016. Essa posição da população mostra a insatisfação com os governos atuais, o que a leva a decidir por um governo resistente, que geralmente remete ao militarismo, ou seja, a governos de extrema-direita.

Assim, em momentos nos quais há uma fragilização maior da sociedade, é comum vermos o crescimento de movimentos de extrema-direita como resposta. Para que se recupere o senso de união de uma comunidade, alguns setores lamentavelmente fazem uso de recursos de ódio contra minorias. É por isso que vemos aumentar a xenofobia e a homofobia, por exemplo. Neste cenário, as ideologias extremistas encontram solo fértil para seu crescimento. Em suma, enquanto tivermos uma sociedade sem coesão, com um fraco senso de ligação entre seus integrantes, observaremos, com cada vez mais frequência, o aumento de grupos intolerantes. Principalmente em momentos onde esta sociedade é tensionada, como nas crises econômicas e políticas (LOCH, 2017).

Visões essas que estão de acordo com o pensamento de Arendt, quando afirma que o corpo social vê apoio num corpo político forte para que utilize as insatisfações das massas como uma forma de ascensão.

4.2 A ascensão de políticas totalitárias segundo Hannah Arendt.

No que concerne aos estudos realizados por Hannah Arendt sobre a ascensão de governos extremistas, considerando-se o colapso do tradicional sistema de classes e sistema totalitário, de cunho principalmente racial, ocorrerá um movimento demonstrando a congruência de interesses com as massas¹⁷. Com o objetivo de agradar esse volumoso corpo social, as políticas terão como sua principal característica a maleabilidade. Não somente essa característica será favorável à permanência desses governos, como também a capacidade de absorção que os movimentos totalitários serão eficazes no controle das massas. Para a autora, é justamente o desejo pela participação e representação política por parte das massas que torna possível a aplicação dos sistemas totalitários.

A designação do nome totalitarismo, embora tenha surgido muito antes da Segunda Guerra Mundial, ganha maior notabilidade enquanto nomenclatura a partir do momento em que é utilizado para designar ditaduras monopartidárias apenas no período pós-guerra. Segundo Hannah Arendt essa expressão deve ser aplicada para as ditaduras monopartidárias que ocorreram na Rússia (sob o domínio do comunismo stalinista, especialmente após 1929) e na Alemanha nazista de Hitler a partir de 1933.

Levando em consideração seus estudos sobre os apátridas, e por ter vivido e sentido na pele a realidade de uma pessoa sem pátria entre 1933 e 1941, Hannah colocará em pauta

¹⁷ As massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (Arendt, 2007).

a relação das pessoas sem estatuto legal definido e os regimes totalitários, que são consequências sociais diretas desse tipo de governo¹⁸.

Foi uma das poucas pessoas que destacou a originalidade dos sistemas totalitários, explicando ser o produto de uma época que ainda é muito estudado pela população em pleno século XX. Ao fazer sua referência histórica, caracteriza o totalitarismo como o “filho de uma sociedade industrial que combinou a crença com o desenvolvimento do racismo e da exclusão”.

Um aspecto importante da herança arendtiana é a capacidade que ela demonstrou de apontar os traços fundamentais que distinguem os regimes extremos do século 20. Ao analisar o papel do líder totalitário e mostrar os laços que o unem às massas desenraizadas e solitárias de nosso tempo, ela soube compreender o significado da solidão num tempo em que as comunicações aparentemente aproximaram os homens. Ao apontar para a progressiva destruição da esfera pública, que implicou o colapso do sistema partidário e em última instância da ideia mesma da pluralidade como valor primeiro das sociedades livres, ela mostrou ao mesmo tempo o lugar do qual nasce a experiência democrática e os limites de suas instituições. Finalmente, ao estudar o papel do terror na estrutura de domínio total, ela apontou para a destruição dos laços éticos entre os homens como a consequência necessária de uma sociedade sem política (REVISTA CULT, 2017).

Hannah irá afirmar a ascensão legal, tanto de Hitler quanto de Stalin, ao poder, a partir do apoio pleno e fiel das massas, pois sem ela não seria possível esses governos terem sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias. Além de que, é importante salientar, que em regimes totalitários, a propaganda se diferencia plenamente de governos monopartidários, pois a propaganda dos movimentos totalitários, que precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa. As pessoas não acreditavam que o que estava sendo passado nessas propagandas era realidade. Paralelo a isso e de acordo com o tema desse trabalho, observa-se um semelhante apoio das massas do eleitorado brasileiro no cenário eleitoral atual ao candidato Jair Bolsonaro, que apresenta discursos fortes, nacionalistas e cristãos como princípio para a reorganização social, econômica e política brasileira.

¹⁸ Revista Cult, 2017.

Após os acontecimentos que levaram à Primeira Guerra Mundial, uma onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários e semi-totalitários varreu a Europa, indo desde a Itália, no qual se tem o alastramento dos movimentos fascistas para quase todos os países da Europa central e oriental. Mas segundo a autora, nem mesmo Mussolini implantou o Estado Totalitário, se restringindo somente ao Estado ditatorial unipartidário. Ditaduras não-totalitárias semelhantes surgiram na Romênia, Polônia, nos Estados bálticos (Lituânia e Letônia), na Hungria, em Portugal e, mais tarde, na Espanha, antes da Segunda Guerra Mundial.

Ainda, Arendt irá explicitar que todos os partidos que depois se tornaram totalitários, foram precedidos de governos ditatoriais de classe, ou de partido, em que a ideia de um partido completamente totalitário seria um estágio mais elevado desses governos unipartidários, levando em conta também o fato de que partidos totalitários necessitam do apoio da grande massa, e por isso, ficará muito claro porque o nazismo não conseguiu se enveredar, tanto quanto o bolchevismo na Rússia após a guerra. Foi somente durante a II Guerra Mundial, depois que as conquistas do Leste forneceram grandes massas e tornaram possíveis os campos de extermínio, que a Alemanha pôde estabelecer um regime verdadeiramente totalitário.

A partir da ideologia de existir um poder limitado a um só território, o totalitarismo será gerado a partir de contradições e ambivalências num mundo criado por ele mesmo para, assim, continuar alimentando sua própria existência. Claramente, um governo fundamentado nessas bases não pode se tornar estável levando a criação na Rússia do “socialismo em um só país”, e de Hitler, na Alemanha nazista, numa espécie de “seleção racial”. O totalitarismo tinha que equilibrar a sua ambivalência para continuar a existir e toda essa ficção montada pelos líderes era necessária para conseguir ludibriar não apenas as massas, mas também os governos não-totalitários.

Somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário, diferente do

movimento totalitário, pois onde existe uma população que não participa ativamente da política é possível a introdução de métodos inteiramente novos de propaganda política¹⁹.

Essas consequências do apoio das massas irão provar que a população em sua maioria, não participava ativamente do governo democrático instaurado, e que, portanto, a democracia poderia muito bem ser exercida apenas por uma minoria da sociedade. Demonstrou ainda que essas massas não eram nada mais além do que um pano de fundo sem importância para a vida política. Mas não foram somente as massas, responsáveis pelo sucesso da ascensão do totalitarismo. A burguesia competitiva tinha criado uma apatia na sociedade, principalmente quando subiu ao poder que levou ao imperialismo das nações²⁰.

Os movimentos totalitários, exatamente como os homens da burguesia²¹ e os aventureiros da era imperialista, têm em comum com os seus simpatizantes intelectuais o fato de que a sociedade como estava instaurada antigamente, em sistemas de classes dentro da política, já não possuíam esse sentimento, e principalmente já se encontravam fora desse sistema de classes e nacionalidades da respeitável sociedade europeia antes mesmo que ele entrasse em colapso.

A guerra, com a sua arbitrariedade constante e assassina, tornou-se o símbolo da morte, a "grande niveladora" e, portanto, a mãe da nova ordem mundial. A ânsia de igualdade e justiça, o desejo de transcender os estreitos e inexpressivos limites de classes, de abandonar privilégios e preconceitos estúpidos, pareciam encontrar na guerra um modo de fugir às velhas atitudes condescendentes de piedade pelos oprimidos e deserdados. Em épocas de crescente miséria e desamparo individual, é tão difícil resistir à piedade, quando ela se transforma em paixão, como deixar de condenar a sua própria universalidade, que parece matar a dignidade humana mais definitivamente que a própria miséria. a Primeira Guerra Mundial havia quase liquidado os sentimentos nacionais da Europa. (ARENDR, 2007, P. 379).

Além dos fatos mencionados acima, um fator importante para a ascensão de governos totalitários, é o uso maciço da propaganda. De fato, escuta-se muito falar sobre esse tema específico, porém, é interessante notar de que forma ela foi utilizada e com a finalidade de atingir quais camadas específicas na sociedade?

¹⁹ Ibid 16. P 390.

²⁰ Ibid. P 405.

²¹ Chamados de ralé por Hannah Arendt em *Origens do Totalitarismo*.

As massas seriam conquistadas por meio desses veículos propagandistas, pois é possível verificar a sua importância para o poder absoluto do regime, como já foi dito, um regime totalitário em pleno poder, só é possível através da aprovação da grande maioria da população. Se a propaganda foi tão engenhosa para transformar o antissemitismo em um princípio considerado normal dentro da sociedade, será também utilizada para a persuasão de demagogia com a finalidade de dar às massas de indivíduos atomizados, indefiníveis, instáveis e fúteis²², um meio de se auto definirem e identificarem não somente restaurando a dignidade que antes lhes advinha da sua função na sociedade, como também criando uma espécie de falsa estabilidade que fazia deles melhores candidatos à participação ativa, e assim apoiando o governo inquestionavelmente.

Diferentemente das propagandas utilizadas pelos governos ditatoriais, que usam de falsas ideologias e meias verdades. “Não são os sucessos passageiros da demagogia que conquistam as massas, mas a realidade palpável e a força de uma ‘organização viva’ “²³. Mas não há dúvidas de que os movimentos totalitários atacam o *status quo* mais radicalmente que qualquer antigo partido revolucionário.

Segundo Hannah, de uma forma geral, o totalitarismo se manifesta através da união de alguns fatores principais, como a intenção de domínio global em sua forma de movimento político, o alcance ideológico universal, o apoio das massas e o poder da polícia para garantir que todos esses elementos atuem de modo efetivo, e não somente devido a questões históricas como crises do sistema capitalista ou da falha dos governos vigentes, sendo eles autoritários ou não.

Neste novo tipo de governo, havia uma ausência do seguimento de normas, pois ela se equipara à ética inerente ao homem, portanto, não havendo necessidade de escrevê-las, como se existisse uma fusão entre homem e lei. Diferentemente do governo bolchevista, em que existiu a promulgação de uma constituição, porém não passou de uma fachada do governo. Há também uma dicotomia nesse tipo de governo em que o poder aparente –

²² Denominados assim pela autora.

²³ Ibid. Pag. 410.

existência de várias camadas de poder, multiplicidade de órgãos, no qual a população não sabe exatamente a quem recorrer - eram desculpas do real poder do Estado.

A multiplicação de órgãos era extremamente útil para a constante transferência do poder; além disso, quanto mais tempo um regime totalitário permanece no poder, maiores se tornam o número de órgãos e a possibilidade de empregos que dependem exclusivamente do movimento, uma vez que nenhum órgão é abolido quando a sua autoridade é liquidada. (ARENDDT, 2007).

Arendt irá ainda explicitar o cunho antiutilitarista e antieconômico dos governos de Hitler e Stalin, no qual seu único objetivo era a conquista territorial mundial, e os estágios dos governos totalitários, em que o primeiro se caracteriza por ainda existir alguma oposição política, porém faz-se uso da polícia secreta para a perseguição de seus opositores e inimigos secretos. Já o segundo estágio se caracteriza pela perseguição aberta de pessoas contra o governo e a implantação do terror, por isso os campos de concentração não eram considerados a vitória, ainda, do regime, e sim uma realização do domínio total, e por último, o estágio do Estado de se tornar supérfluo, garantindo somente os interesses do líder, que era facilitada pela criação de vários órgãos do governo, mencionados anteriormente.

7. Considerações Finais

O principal estudo de caso de Hannah Arendt sobre a emergência de apoio popular ao conservadorismo tem como foco a Alemanha, que passava por constantes aumentos na inflação por consequência da República de Weimar e findava com a população nas ruas pedindo por melhores condições econômica e de vida. A população brasileira passou a viver esse momento com a descoberta dos grandes escândalos de corrupções envolvendo políticos em exercícios. Apesar de afastar vários de seus ministros envolvidos, a Presidente Dilma, primeira mulher eleita para o cargo no país, acaba perdendo ainda mais seu apoio popular, e carregando o peso do ódio populacional ao partido político ao qual pertence, vindo a sofrer *impeachment* no ano de 2016. Michel Temer, vice da chapa, assume a presidência e aprofunda a crise econômica, levando o país a uma maior polarização, onde de um lado encontram-se os contra o *impeachment*, e do outro os favoráveis a tal processo.

Com um governo marcado por medidas impopulares, sendo a mais polêmica delas a Proposta de Emenda Constitucional de número 55 (PEC do teto de gastos, como é popularmente conhecida) que fixa por até 20 anos, podendo ser revisado depois dos dez primeiros anos, um limite para as despesas governamentais, o governo Temer chegou a marcar 4% de aprovação contra 77% de reprovação.

O ano de 2017 foi o período chave para a futura eleição do Presidente Jair Bolsonaro, que assumirá o cargo em 1º de janeiro de 2019. Membro do Partido Social-Liberal (PSL), alinhado ao social-liberalismo mas atualmente liberal somente em âmbito econômico, enquanto conservador nos costumes, Bolsonaro apresenta posturas semelhantes à de Hitler durante a crise alemã, como promessa do crescimento econômico com um alinhamento à política norte-americana de Donald Trump, e também por prometer usar de grupos paramilitares para também perseguir o mal comum que é o comunismo. A grande promessa é a de um novo líder com discursos nacionalistas fazer do Brasil um país estável política e economicamente.

Chega a ser possível visualizar um novo-velho período de banalidade do mal. Com a presença da descrença da maior parte da população brasileira em relação às práticas do antigo governo que muito disse respeito ao lado social, o fascismo levou Bolsonaro ao poder, com seu discurso violento²⁴, excludente²⁵, e criminoso²⁶.

De acordo com Hannah, as opções de poder que defendem discursos radicais são mais atrativas a fim de tomar novos caminhos para recuperar a confiança da população e punir os responsáveis pelo trauma passado. Por outro lado, críticos a ela chegam a concluir as obras arendtianas como um recorte de realidade que pode ser usado em termos de governo até hoje, mas filosoficamente são tendenciosos por só demonstrar o lado da minoria atingida pela opressão de um governo.

O apoio de parte da massa populacional mostra tanto a parcela de analfabetismo político (uma estagnação social desprovida de consciência política) da população quanto a fragilidade do estado democrático de direito, esse podendo vir a ser, de maneira paradoxal, democraticamente desfeito, levando em conta o cenário brasileiro atual, um militar de reserva do Exército Brasileiro eleito presidente com um vice general do mesmo.

²⁴ “Vamos fuzilar a petralhada”, disse ele durante campanha no Acre, em setembro de 2018.

²⁵ “Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles” contou, em palestra no Clube Hebraica, em abril de 2017.

²⁶ “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra²⁶, o pavor de Dilma Rousseff”, durante votação pelo impeachment da Presidente Dilma, no Plenário da Câmara dos Deputados, em abril de 2016.

8. REFERÊNCIAS

LIVROS

ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**; tradução Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

ARENDR, Hannah. **Da Violência**, Ed. Universidade de Brasília, 1985. Trad. Maria Cláudia Drummond Trindade, 1994.

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**; tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

HENIG, Ruth. **As origens da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1991.

HENIG, Ruth. **O Tratado de Versalhes**. São Paulo: Ática, 1991.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TRABALHOS ACADÊMICOS

ASSOCIAÇÃO KEYNESIANA BRASILEIRA, 2018. DOSSIÊ V DA AKB “**O Brasil pós-recessão: das origens da crise às perspectivas e desafios futuros**”. <www.brasildebate.com.br> AcesSo em Setembro, 2018.

VI ENCONTRO HANNAH ARENDR – PLURALIDADE, MUNDO E POLÍTICA. **Imperialismo e totalitarismo em Hannah Arendt: ruptura, racismo, ideologia e terror na destruição da condição humana**. Universidade Federal de Pelotas. Maio, 2012.

LOSURDO, Domenico. “Per uma critica dela categoria di totalitarismo” em *Hermeneutica*, 2002, pp. 131-166. Tradução de Maryse Farhi.

LÖWY, Michael. **Conservatism and far-right forces in Europe and Brazil**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

SILVA, Adriana Brito da; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; BORRI, Giovanna Teixeira. **A extrema-direita na atualidade**. *Serv. Soc. Soc.* no.119 São Paulo July/Sept. 2014.

SILVA, Vítor Emanuel Dias. **O Totalitarismo em Hannah Arendt**. Setembro, 2010. Universidade do Porto, Portugal.

SOUZA, Túlio Assis; VERÍSSIMO, Michele Polline. **O papel das *commodities* para o desempenho exportador brasileiro**. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 79-94, 2013

PÁGINAS WEB

A ascensão do Totalitarismo. 2013. **Historiante**. Disponível em: <www.historiante.blogspot.com>. Acesso em Setembro de 2018.

A era da Antipolítica. **El País**. Disponível em: <www.elpais.com>. Acesso em Nov. 2017.

A nova onda conservadora no Brasil. **Deutsche Welle**. Disponível em <www.dw.com>. Acesso em Agosto, 2018.

A política brutal de Hannah Arendt. **Carta Maior**. Disponível em: <www.cartamaior.com.br>. Acesso em Novembro, 2018.

Adolf Hitler se torna presidente da Alemanha. **Seu History**. Disponível em <www.seuhistory.com> Acesso em Agosto de 2018.

Arendt e o Totalitarismo. **Revista Cult**. Disponível em: <www.revistacult.uol.com.br>. Acesso em Novembro, 2017.

Entenda a Crise Econômica. **Agência Brasil**. Disponível em: <www.agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em Setembro, 2018.

Europa: o espectro da extrema-direita. **Carta Capital**. Disponível em: <www.cartapital.com.br>. Acesso em Novembro. 2017.

National Geographic Magazine. **Revista online**. Disponível em: www.mapmania.org. Acesso em Setembro, 2018.

O Brasil virou o país do fanatismo? **Revista Galileu**. Disponível em: <www.revistagalileu.globo.com>. Acesso em Setembro, 2018.

Período entre guerras: crise de 1929 e ascensão dos totalitarismos. **F5 da História**. Disponível em <www.f5dahistoria.wordpress.com>. Acesso em Outubro, 2017.

Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador? **Veja**. Disponível em: <www.vestibular.uol.com.br> . Acesso em Agosto, 2018.

Porque a extrema-direita cresce no mundo, segundo este estudioso. **Nexo Jornal**. Disponível em <www.nexojornal.com.br>. Acesso em Novembro, 2017.

Por que a extrema-direita está crescendo? **Huff Post Brasil**. Disponível em: <www.huffpostbrasil.com>. Acesso em Novembro, 2018.

Violência. **Estadão**. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br>>. Acesso em Novembro, 2018.

Why Arendt Matters: Revisiting “The Origins of Totalitarianism”. **LA Review of Books**. Disponível em: <www.lareviewofbooks.org>. Acesso em Novembro, 2018.